

SERGE GRUZINSKI E AS DINÂMICAS CULTURAIS NA AMÉRICA COLONIAL

Thais Nívia de Lima e Fonseca¹

Resumo: o artigo apresenta uma reflexão sobre a obra do historiador francês Serge Gruzinski, sua trajetória intelectual e suas contribuições para a historiografia contemporânea especialmente no campo da história cultural da América colonial, destacando-se os principais conceitos discutidos por ele: mediadores culturais e mestiçagem cultural.

Palavras-chave: História Cultural; América colonial; historiografia; mediadores culturais; mestiçagem cultural.

Abstract: this paper presents a reflection over the work done by french historian Serge Gruzinski, his intellectual pathway and his contributions to contemporary historiography, especially in the field of Cultural History of Colonial America, highlighting the main concepts discussed by him: cultural mediators and cultural hybridization.

Key words: Cultural History; Colonial America; historiography; cultural mediators; cultural hybridization.

Serge Gruzinski nasceu na França². Historiador e arquivista-paleógrafo, diretor de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, é um renomado historiador das culturas e das sociedades da América colonial, especialmente do México. Ficou conhecido por seus estudos sobre a mestiçagem cultural e por suas pesquisas e reflexões acerca do processo de mundialização ibérica do século XVI.

Interessado pela cultura latino-americana, Gruzinski empreendeu uma viagem ao México, no final dos anos 1960, que acabou por ser crucial na sua definição sobre o campo de pesquisa histórica que viria a abraçar. Na época, ele preparava uma tese para a *École Nationale de Chartes*, importante instituição formadora de conservadores do patrimônio cultural. Seu interesse pela história cultural fez com que começasse, então, uma pesquisa sobre o processo de aculturação no México colonial, com o professor François Chevalier, na Universidade de Paris I. Antes de dedicar-se a esse projeto, Gruzinski passou dois anos na Itália, na *École Française de Rome*, um instituto de pesquisa em História e Arqueologia, pesquisando sobre o México nos arquivos romanos. Em seguida, viveu na Espanha, em Sevilha e em

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Cultura e Educação na América Portuguesa/GCEAP.

² Fontes consultadas para as informações biográficas: GRUZINSKI (2001, 2003, 2004).

Madri, onde foi membro da *Casa de Velázquez*, escola francesa dedicada às humanidades e situada na capital espanhola.

De volta ao México, desta vez residindo neste país por oito anos, dedicou-se à pesquisa sobre os processos de aculturação decorrentes da conquista, trabalho de que resultou sua tese, publicada de forma resumida em 1988, no livro *La colonisation de l'imaginaire. Sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol, XVI^e-XVIII^e siècle*³. A partir daí, Gruzinski aprofundou seus estudos sobre o problema das dinâmicas e confluências culturais envolvendo europeus e indígenas no processo de conquista e colonização da América, particularmente no México, além da questão da mundialização ibérica a partir da expansão marítima do século XVI. Sua formação, tanto na França quanto na Itália e na Espanha, nas áreas de conservação de patrimônio e arquivística, foi fundamental na definição que acabou por dar a seus interesses e ao seu método de trabalho. Destaquem-se suas abordagens das fontes documentais – não apenas as escritas, mas particularmente as iconográficas –, colocadas como elementos centrais na formulação conceitual em torno das ideias de mestiçagem cultural e de mediações culturais.

A obra de Serge Gruzinski tem inspirado muitos pesquisadores, na Europa e nas Américas, a desenvolver estudos focados nas questões por ele propostas, e que ajudam na compreensão das dinâmicas culturais e sociais nas antigas áreas de colonização ibérica, marcadas pelo encontro de culturas diversas – europeia, indígena e africana – cujos desdobramentos ainda hoje estão presentes em todo o continente. No Brasil sua influência é notória junto aos historiadores do período colonial que se debruçam sobre esses temas, e alguns de seus trabalhos têm tido expressiva circulação entre nós, sobretudo pela abordagem das mestiçagens culturais e pela perspectiva pluridisciplinar, em que movimenta a História articulada à História da Arte e à Antropologia, principalmente.⁴

Exatamente por transitar nessas fronteiras, por adotar procedimentos metodológicos que consideram a multiplicidade de fontes documentais e seu dinâmico entrecruzamento, Serge Gruzinski é um duro crítico do eurocentrismo da

³ A tradução brasileira, *A colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*, foi publicada pela Editora Companhia das Letras, em 2003.

⁴ Destaquem-se, além de *A colonização do imaginário*, os trabalhos do autor publicados no Brasil: *O pensamento mestiço* (2001); *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner, 1492-2019* (2006); *O historiador, o macaco e a centaura: a "história cultural" do novo milênio* (2003); *História do Novo Mundo*, com Carmen Bernard (2001 e 2006).

tradição historiográfica ocidental, e do apego aos limites das histórias nacionais e locais. Ele acusa a adesão dos historiadores a esses pressupostos, ainda forte mesmo atualmente, quando a historiografia já se distanciou das perspectivas nacionalistas e avançou na ampliação dos objetos de pesquisa. Segundo ele, a incipiência dos estudos comparados acaba por estimular o apego às histórias locais e nacionais e, mesmo quando tais estudos são realizados, é comum correrem o risco de reforçar os dualismos e as visões etnocêntricas. Seu olhar panorâmico pelas práticas dos historiadores contemporâneos aponta também problemas numa maneira de se fazer a micro-história que, priorizando reduzidamente o particular, negligencia o contexto geral e cobra uma maior atenção às definições territoriais e temporais no campo da história cultural. (GRUZINSKI, 2003, p. 321s)⁵ Sua aposta tem sido na perspectiva das *connected histories*⁶, que rejeita a comparação simplista em favor do reconhecimento de que as histórias são múltiplas e se comunicam.

Ao longo de suas pesquisas, Gruzinski trabalhou com temas que vinham sendo estudados pelos historiadores e antropólogos mexicanos, entre os quais as mitologias indígenas no México. Analisando fontes mexicanas e espanholas, escritas e iconográficas, produzidas posteriormente à chegada dos europeus à América, ele verificou nelas a incidência de elementos de ambas as culturas, o que lhe chamou a atenção: elementos da mitologia greco-romana misturadas aos da mitologia ameríndia. Como essas referências de origem europeia, oriundas do mundo clássico antigo, teriam chegado à América no século XVI? Como teriam sido apropriadas pelos indígenas e por quê? Seu estudo dessas ocorrências levou-o a rejeitar a perspectiva que simplesmente comparasse uma mitologia à outra, uma cultura à outra, segundo procedimentos convencionais que procuram pelas diferenças e pelas semelhanças. Esse método, além de limitado em si, poderia ser também dualista, opondo essas duas culturas, ao invés de perceber a mistura como a criação de uma cultura específica.

Para Gruzinski, a análise sob o ponto de vista das *connected histories* seria a mais acertada, pois privilegia a comunicação e as ligações entre as culturas, com o

⁵ Para conhecer os pressupostos da micro-história, ver: BENZONI (2009); GINZBURG (1989); LIMA (2006); VAINFAS (2002).

⁶ *Histórias conectadas*, em português. A expressão é normalmente usada em inglês, segundo a proposta original do historiador Sanjay Subrahmanyam, conforme seu artigo “Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, em LIEBERMAN (1997, p. 289-315).

intuito de compreender como essa comunicação ocorreu e quais as suas implicações para aquelas sociedades. Ele argumenta que a falta de estudos fundados nessa perspectiva – com as exceções costumeiras – mantém divisões entre as histórias de Portugal e Espanha e da América portuguesa e espanhola, por exemplo. (GRUZINSKI, 2001d, p. 85-117; GRUZINSKI, 2004) Ressalte-se que as historiografias brasileira e portuguesa têm trabalhado nessa direção, nas duas últimas décadas, contribuindo para uma alteração sensível do entendimento sobre a posição do Brasil frente ao mundo ibérico, sobretudo o luso, entre os séculos XVI e XVIII.

A perspectiva das *connected histories* tornaria possível perceber, por exemplo, que a apropriação, pelos indígenas, de elementos da mitologia greco-romana – levada para a América pelas mãos dos europeus –, implicava na atribuição de significados a ela, conforme as chaves de leitura da própria cultura ameríndia, ou seja, segundo sua própria perspectiva. A análise desse fenômeno cultural deveria considerar os trânsitos percorridos por aqueles elementos, no tempo e no espaço, de um continente a outro, para se compreender como se encontraram e como foram entendidos e utilizados. Conforme Gruzinski,

longe das visões dualistas – que costumam opor o Ocidente aos outros, os espanhóis aos índios, os vencedores aos vencidos –, as fontes nos revelam paisagens misturadas, muitas vezes surpreendentes e sempre imprevisíveis. É precisamente o caso do encontro entre Ocyrhoe e Ozomatli. Não se trata, no entanto, de comparar a mitologia greco-romana com a ameríndia. Mas de refletir sobre o enigma da ligação que nos apresenta, ou melhor dito, que nos impõe a pintura. [...] A presença da centaura Ocyrhoe nos obriga a deixar a cidade de Puebla, a sair da Nova Espanha e do continente americano para cruzar o Atlântico e chegar até a Itália dos grotescos. (GRUZINSKI, 2003, p. 323s)⁷

Esse tema das mitologias que se misturaram na América é apenas um exemplo no conjunto da discussão desenvolvida por Serge Gruzinski acerca das mestiçagens culturais no processo de mundialização ibérica da era moderna. Essa mundialização promoveu o intenso movimento de pessoas, de ideias, de objetos, de valores, movimento esse que implicou em misturas, releituras, usos e apropriações

⁷ As figuras da centaura greco-romana Ocyrhoe e do macaco pré-hispânico Ozomatli compõem um afresco pintado no final do século XVI na cidade mexicana de Puebla. Serge Gruzinski o estudou como uma ocorrência da mestiçagem cultural.

pelos sujeitos históricos que nele se envolveram de alguma forma. Interessado no estudo desse fenômeno, Gruzinski parece recuperar, sob a perspectiva cultural, ideias vindas de estudos alargados sobre a “primeira economia-mundo” decorrente do processo da expansão marítima e comercial europeia, pesquisas realizadas a partir da década de 1970.

Num plano mais amplo, Gruzinski valoriza o período em que as duas monarquias ibéricas estiveram unidas e às quais uma parte expressiva do mundo conhecido de então estava submetido, isto é, o período que conhecemos como o da União Ibérica (1580-1640). Ele o chama de o “mundo mestiço da Monarquia Católica” e lhe confere vital importância no processo de ocidentalização pelo qual o planeta passou desde o final da Idade Média. Gruzinski entende que, nesse período, sob o mesmo enquadramento político-administrativo, a Europa, a Ásia e a América foram postas em contato, e nesse extenso espaço geográfico diferentes culturas se tocaram e muitos de seus elementos se misturaram. Segundo o autor, essa Monarquia

cobre um espaço que reúne vários continentes, aproxima ou conecta várias formas de governo, de exploração e de organização social, confronta de maneira às vezes bastante brutal tradições religiosas totalmente distintas. A Monarquia é o teatro das interações planetárias entre o cristianismo, o islã e o que os ibéricos chamavam de idolatrias, uma categoria que agrupava indistintamente os cultos americanos e africanos com as religiões da Ásia. No seio deste espaço, instituições e práticas oriundas da Europa chocaram-se às de outros continentes. (GRUZINSKI, 2003, p. 325)

Com o intuito de analisar aquelas interações é que Serge Gruzinski se utiliza de dois elementos centrais, que limitadamente vamos chamar de “conceitos”: mestiçagem cultural e mediadores culturais. Bastante usuais nas ciências humanas, principalmente nos campos da antropologia, da arte e da história, eles aparecem com recorrência em estudos que tratam de questões que envolvem os encontros, os choques e as misturas entre culturas. Não raro, assumem outras denominações, como sincretismo e aculturação, só para lembrar as mais conhecidas. Na historiografia contemporânea, são conceitos que se tornaram fundamentais, principalmente na história cultural, favorecida pelos intercâmbios da História com aqueles mencionados campos do conhecimento, sobretudo com a antropologia. Sem tais intercâmbios, teria sido muito mais difícil o caminho dos estudos que

buscam perceber as transformações das sociedades no tempo, sob a perspectiva cultural.

Gruzinski identifica os elementos das culturas que são objeto de suas análises: a linguagem e suas diferentes expressões, as representações do mundo, as crenças e suas diferentes formas de manifestação, os objetos com seus usos e significados, as diferentes formas de comportamento. Como historiador, e fiel às suas posições sobre a necessidade de estudos alargados e conectados histórica e geograficamente, ele analisa esses elementos culturais na sua historicidade e temporalidade, ou seja, como produtos de uma determinada sociedade em determinada época. As análises do autor advêm de forte imersão empírica, de aprofundamento da reflexão sobre os indícios do passado, sobre os documentos, relacionando-os entre si, quer sejam escritos ou iconográficos. Serge Gruzinski lida como poucos com as largas temporalidades e examina, com cuidado, as permanências e as mudanças culturais, as trocas, convergências, fusões e cruzamentos, todos elementos fundamentais para a compreensão das questões relacionadas aos processos de mestiçagem cultural, seu principal ponto de interesse.

Embora esteja historiograficamente ligada ao trabalho de Serge Gruzinski, a ideia de mestiçagem cultural não é uma criação deste autor e aparece, há muito, nas discussões realizadas em diferentes áreas das chamadas humanidades, além de ser passível de alguma compreensão pelo senso comum. O termo mestiçagem em si não carrega grande complexidade em sua definição, ao menos quando se recorre aos dicionários. E não nos custa fazê-lo aqui. As definições dadas por eles traduzem o entendimento mais conhecido do termo, aplicável por seu uso nas ciências naturais: cruzamento de raças ou de espécies, como encontramos em dicionários de língua portuguesa.⁸ Uma vez que estamos tratando aqui de um autor francês, torna-se necessário verificar se, também neste idioma, o termo é definido da mesma maneira. Em francês a alusão tem a mesma origem, sendo *métissage* definida como união fecunda entre homens e mulheres de grupos humanos que apresentam certo grau de diferenciação genética; ou cruzamento de variedades vegetais diferentes, mas da mesma espécie; e ainda o cruzamento entre animais da mesma espécie,

⁸ Essa definição, com mínimas variações, está presente em *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Aurélio*.

mas de raças diferentes.⁹ Em inglês a definição mais próxima a essa não vem do termo literalmente equivalente (*mixed-races*), mas de *hybridization*, definido como o processo de produção de uma planta ou animal a partir de dois diferentes tipos de planta ou animal.¹⁰ A ideia de mistura entre diferenças é, portanto, parte constituinte dessas definições e é o elemento-chave quando se pensa em mestiçagem para além do seu sentido biológico. É o que ocorre para definir mestiçagem cultural, entendida como a mistura de diferentes culturas, tal como a encontramos na obra de Serge Gruzinski.

Os problemas discutidos pelo autor referem-se aos processos de identificação e análise dessas mestiçagens culturais, ou seja, o que elas são, como podem ser identificadas historicamente e como impactaram as sociedades hispano-americanas coloniais. A princípio, não parece haver dificuldades quando pensamos que todo o processo de mistura ocorrido na América a partir do século XVI originou-se do encontro entre culturas que nunca haviam entrado em contato antes, que se desconheciam mutuamente e que eram radicalmente diferentes uma da outra. O simples contato em si já poderia ter sido o desencadeador das mestiçagens.

Mas não se pode esquecer que esse contato nem sempre se deu de forma espontânea entre as partes envolvidas. Ele ocorreu num contexto de conquista, de uso da força e da imposição. Esse fato fez com que o processo de mistura ocorresse de forma mais acelerada e explosiva, e como consequência gerou o estabelecimento de hierarquias quanto ao grau de apropriação de elementos culturais, pelos europeus e pelos indígenas. Por isso Gruzinski chama a atenção para o fato de serem mais evidentes os indícios da mestiçagem cultural entre a população de indígenas e seus descendentes – muitos dos quais mestiços biologicamente – do que entre os espanhóis. Isso porque aos índios foram impostas a língua, a religião, padrões de comportamento e de organização social. A imposição, contudo, não significou a eliminação por completo da sua cultura. Os estudos demonstram que houve uma dimensão em que aquilo que foi imposto, foi recebido e entendido segundo os padrões culturais dos indígenas. Isso significa, por exemplo, que as práticas religiosas do catolicismo não eram cem por cento fieis à sua origem, mas ocorriam como resultantes do entendimento que os indígenas tinham delas, e

⁹ *Dictionnaire Larousse*. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>.

¹⁰ *Cambridge Dictionary*. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary>>.

ainda mescladas a elementos retirados das suas culturas, com os quais podiam construir analogias. O mesmo acontecia em relação aos espanhóis, embora sem o componente impositivo, uma vez que eram os conquistadores. Mas eles também estavam sujeitos à mistura que se processava e que produzia práticas culturais mestiças, cada vez mais enraizadas conforme o passar do tempo.

Podemos pensar no mesmo tipo de processo em relação ao Brasil, no contexto de um contato inicial dos portugueses com as populações indígenas e, posteriormente, como efeito da presença da grande população de origem africana trazida para este território. A historiografia brasileira mais recente tem se debruçado sobre a questão, mas não se pode esquecer que há mais de meio século, alguns importantes autores já procuravam demonstrar essa dimensão da formação histórica e cultural da nossa sociedade, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, por exemplo, em suas magistrais obras *Raízes do Brasil* (1936) e *Casa Grande & Senzala* (1933), respectivamente. Na verdade, não por acaso, Serge Gruzinski encontra grande afinidade com esses estudos, além de verificar no Brasil – parte integrante que foi daquela Monarquia Católica –, a forte presença histórica dessas mestiçagens culturais, fato diversas vezes apontado por ele em alguns de seus textos.

As propostas analíticas de Serge Gruzinski, contudo, vão além da verificação dessas misturas entre as culturas e a identificação de seus elementos. Trata-se de algo mais complexo, que implica na procura pelos significados dessa mestiçagem para os sujeitos que foram parte dela, que a vivenciaram, que foram seus agentes, e cuja formação e modos de vida não foram simplesmente afetados por ela, mas sim foram seu produto e sua essência.

Para dar conta dessa complexidade é preciso, primeiramente, olhar de maneira crítica os dualismos observados na tradição historiográfica ocidental. Segundo Gruzinski, os dualismos impedem a percepção das trocas, da transmissão, dos cruzamentos, enfim, das fronteiras e dos espaços de mediação, elementos centrais no estudo das mestiçagens. Falar de mestiçagens culturais não significa apenas tratar das formas convencionais de expressão cultural, por exemplo, as misturas de práticas culturais como festas, rituais religiosos, crenças, costumes. Significa também tratar das misturas de temporalidades, de espaços, de imaginários e de representações.

As concepções dualistas tendem, também, a entender a existência de estruturas culturais como formações compactas, por vezes homogêneas, e que somente seriam afetadas pelo encontro com outra, igualmente “inteira”. É como se fosse possível verificar a existência de “uma” cultura indígena e “uma” cultura europeia, cuja mistura resultou “numa” cultura mestiça com elementos de suas genitoras. As reflexões de Serge Gruzinski levam a entender que, não somente essa inteireza não existe, como é necessário procurar, também, pela multiplicidade existente no interior dos chamados “universos culturais”. Isso significa dizer que as culturas indígena e europeia apresentavam-se múltiplas e diversas, mesmo antes do contato, e que apenas partes delas se misturaram. Isso torna o estudo das mestiçagens culturais ainda mais complexo, porque parte do princípio da não existência de culturas puras, e a busca pelas mestiçagens pode esbarrar numa espiral de difícil decifração. Isso fica evidente, por exemplo, diante dos processos de formação histórica e cultural da Península Ibérica, marcados pelos sucessivos encontros entre diferentes culturas, desde a antiguidade.

Por isso Gruzinski preocupa-se em chamar a atenção para duas questões importantes: de um lado, as mestiçagens objeto de seus estudos dizem respeito aos efeitos do contato entre duas culturas estranhas uma à outra, colocadas face a face no contexto da primeira mundialização da época moderna; por outro lado, a constatação de que apenas fragmentos dessas culturas foram postos em contato e não se mantiveram intactos durante muito tempo. Os processos de decifração desses fragmentos, realizados tanto pelos espanhóis quanto pelos indígenas, só teria sido possível por meio da “mobilização constante das capacidades intelectuais e criativas” daqueles grupos e indivíduos, no movimento de apropriação e reelaboração de significados, usos e práticas decorrentes da mistura então verificada. Segundo Gruzinski,

na falta de se poderem decodificar de modo linear as informações recebidas de toda parte, obtem-se saberes ou práticas que, de tanto justaporem de maneira ocasional e aleatória os dados e as impressões assim recolhidos, formam conjuntos jamais fechados em si mesmos. (GRUZINSKI, 2001, p. 91)

A pensarmos na possibilidade analítica dessas situações históricas segundo a perspectiva sugerida por Serge Gruzinski, também há que se considerar a noção

dos mediadores culturais, os *passeurs culturels*, pois não parece ser possível pensar nas mestiçagens sem a atuação de seus agentes. Gruzinski considera a possibilidade de eles serem não apenas indivíduos, mas também objetos, dentro de uma gama variada de ocorrências. O mediador cultural é sujeito “entre dois mundos”, capaz de produzir leituras, interpretações e sínteses no movimento de mão dupla no qual circulam elementos ou fragmentos das culturas em contato. Ele não apenas promove a circulação, ou o trânsito, como também produz novas configurações culturais dele resultantes. Estabelece a comunicação, levando “ideias, projetos de um mundo a outro e, às vezes, criando ferramentas para pensar os imensos espaços que a monarquia ibérica pretendia controlar”. (GRUZINSKI, 2005, p. 16)

Em vista do papel dos mediadores culturais como agentes de mobilização, torna-se fundamental seguir suas pistas, atentar para suas experiências, nos tempos e lugares diversos onde e quando estiveram e atuaram, que contatos estabeleceram, de que dinâmicas coletivas participaram. A monarquia católica colocou em movimento um expressivo contingente de pessoas, de diferentes continentes, ocupadas em grande diversidade de atividades e de funções. Gruzinski percebe nesse contexto um enorme potencial para o estudo da atuação dos mediadores culturais, parte integrante deste contingente. Em alguns de seus textos, particularmente no livro *Les quatre parties du monde*, ele persegue inúmeras trajetórias de indivíduos com ligações diretas ou indiretas com a Monarquia, cuja atuação os caracteriza como *passeurs*. Para Gruzinski, o estudo dos indivíduos pode desvelar a maneira como o local e o global são constantemente rearticulados, e só ao multiplicar os estudos de casos poderemos reunir informações significativas. (GRUZINSKI, 2003, p. 332)

Da forma como sugere Gruzinski, os estudos de casos são, efetivamente, o modo de articular o particular e o geral e de desvendar os circuitos responsáveis pelos processos de mestiçagens culturais nos contextos de mundialização iniciados pelas monarquias ibéricas no século XVI e seus desdobramentos pelos séculos seguintes.

Historiador francês vinculado à École des Hautes Études en Sciences Sociales, Serge Gruzinski não se coloca no campo da historiografia francesa mais conhecida e apreciada, inclusive no Brasil. Em entrevista publicada na Revista *Anos 90*, em 2003, ele deixou claro não querer ser associado a uma historiografia

francesa que não reconhece outros fazeres historiográficos, mas que, ainda assim, é referência mundial. Gruzinski atribuiu essa posição à sua experiência no México, onde a historiografia francesa e seu eurocentrismo é alvo de críticas, bem como a importação de métodos pensados para as realidades europeias, como a micro-história italiana ou francesa (prática, a propósito, recorrente no Brasil). Não obstante deva sua formação intelectual, também, a essa tradição historiográfica e a nomes como Fernand Braudel e Nathan Wachtel, Gruzinski reconhece a importância da experiência da pesquisa e de seus problemas como fundamentais na elaboração de uma avaliação crítica da historiografia ocidental, como foi mencionado no início desse texto. Seus estudos o demonstram claramente.

Além de sua contribuição para o estudo da cultura e das sociedades americanas da época moderna, Serge Gruzinski surge, também, como uma inspiração para se pensar criticamente a própria historiografia brasileira e suas necessidades e possibilidades de construções teóricas mais autônomas e relacionadas às especificidades de nosso processo histórico, mesmo que em constante contato e interação com outros numa perspectiva, claro, conectada.

BIBLIOGRAFIA

BENZONI, Maria Matilde. Una storiografia meticcica: Note sull'opera di Serge Gruzinski. *Altre modernità*. Milano: Università degli Studi di Milano/Facoltà di Lettere e Filosofia, n. 2, 2009.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner, 1492-2019*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Entrevista com o historiador Serge Gruzinski. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 18, dez. 2003.

_____. Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres "connected histories". *Annales HSS*, n.1, jan/fév. 2001d.

_____. *Les quatre parties du monde*. Histoire d'une mondialisation. Paris: Éditions de La Martinière, 2004.

_____. O historiador, o macaco e a centaura: a "história cultural" do novo milênio. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.

_____. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Passeurs y elites católicas en las Cuatro Partes del Mundo: los inicios de la mundialización (1580-1640). In: GODOY, Scarlet O´Phelan; SALAZAR-SOLER, Carmen (ed.). *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Peru, Instituto Riva-Aguero, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005.

GRUZINSKI, Serge; BERNAND, Carmen. *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2001. (Segunda edição, 2006).

LIEBERMAN, Victor (ed.). *Beyond Binary Histories*. Re-imagining Eurasia to C. 1830. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana*. Escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.